

RUY FABIANO

Ponto de Vista

CORREIO BRAZILIENSE

Debate alienado

O ex-presidente Sarney costuma dizer que uma das principais limitações do debate político brasileiro é que ele não leva em conta — ou o faz em escala insatisfatória — a conjuntura internacional. Torna-se, por isso, inconsistente e alienado da realidade objetiva.

Em 1988, por exemplo, enquanto o socialismo ruía no mundo inteiro, aqui, a Constituinte consagrava alguns de seus mais ortodoxos princípios. O Brasil, solenemente — e vaidoso disso —, punha-se na contramão da história, com uma Constituição que nascia esclerosada.

Hoje, um dos dramas centrais da crise brasileira é justamente a dificuldade de sintonizar-se as regras de globalização da economia mundial. A Constituição estabelece protecionismos que inibem o ingresso de capitais, sem os quais o Brasil não tem como superar a crise e retomar o desenvolvimento. Nem tudo, porém, está perdido — pelo menos teoricamente: há a revisão constitucional de outubro próximo, que, por maioria absoluta e em um único turno de votação, pode promover os ajustes necessários na Constituição e torná-la contemporânea da história, facilitando a superação da crise.

Como, porém, prossegue a alienação ao que se passa no restante do planeta, há forças políticas consideráveis contrárias à idéia de se rever a Constituição. PT, PDT, a esquerda do PMDB e um número expressivo de corporações sindicais acham que a Constituição é formidável e deve manter-se intacta. E lutam para, senão evitar, ao menos adiar o processo de revisão constitucional.

O problema está em que o governo Itamar conta com a revisão para promover alguns ajustes na economia. A

reforma tributária estrutural, por exemplo. O ministro Fernando Henrique Cardoso defende a idéia de que o Congresso deve, desde já, começar a discutir e formular um anteprojeto mínimo para a revisão. Sarney acha o mesmo. E o presidente da Câmara, Inocêncio Oliveira, vem promovendo reuniões com esse objetivo. Mas o empenho na direção contrária é grande.

Sarney, que tem viajado mundo afora e conversado com lideranças políticas internacionais, pondera que, em que pese a alienação crônica de nosso debate político, as chances de solução da crise brasileira são bem maiores de fora para dentro.

Do ponto de vista da geopolítica internacional, o fim da guerra fria e a desideologização do planeta, tornaram o Brasil desimportante, como todos os países periféricos. Antes, por pertencer a um bloco que disputava a hegemonia do planeta, beneficiava-se dessa tutela. Hoje, não havendo disputa, não há mais tutela. O País ficou entregue a si mesmo. E mergulhou em profunda crise de identidade.

Paradoxalmente, o caráter transnacional dos problemas que hoje prevalecem — e que se impuseram com o fim da guerra fria — acabaram por recolocar o Brasil no mapa geopolítico.

Os problemas transnacionais — ecologia, epidemias e migrações, entre outros — obrigam os países ricos a pensar em soluções para a pobreza e o desequilíbrio econômico dos países periféricos. É por aí que o Brasil pode recuperar o tempo perdido e reequilibrar suas finanças. Para isso, no entanto, precisa acompanhar o que acontece no mundo e aproveitar a revisão constitucional para reinserir-se nele.

22 JUN 1993